

EXPLORAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL



SOLANGE HITOMI KUROZAKI

Graduação em Licenciatura Matemática pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2005); Graduação em Licenciatura Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2012); Professora na Rede Municipal de São Paulo.

RESUMO

Esse artigo procura refletir a respeito das explorações na educação infantil. Observar a construção e reorganização permanente das explorações por crianças é uma experiência interessante que provoca profundas reflexões sobre nossas próprias práticas pedagógicas, especialmente na educação infantil. A vastidão de espaço e tempo que compõem o contexto do jogo, ideias e esforço que cada criança coloca nesse fluxo de ideias, conferem significados mais profundos a essas experiências pessoais e de grande valor intersubjetivo cujas raízes coletivas representam um ato como as crianças se comprometem. Dentre os aspectos que definem e são relevantes para se pensar como dar continuidade a sua aprendizagem nas escolas, podemos citar que os espaços e momentos de lazer são indeterminados e complexos. Pode-se dizer que suas ações são determinadas por regras constitutivas emergentes e dinâmicas que obedecem a uma sequência nacional, razão pela qual possuem um sentido e uma significação contextual.

PALAVRAS-CHAVE: Construção; Experiência; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Bateson (1998), em seu estudo antropológico realizado especificamente com a cultura latmul em Bali, incorporou a noção de "ethos" como uma ferramenta conceitual útil para melhor compreender a cultura. Ele a define como a expressão de um sistema culturalmente padronizado de organização dos instintos e emoções dos indivíduos, que se baseia na análise e evidência de determinados registros e explorações.

As crianças constantemente nos mostram, por meio de brincadeiras, várias realidades que suscitam e vivem intensamente. O interessante é que as brincadeiras e explorações emergem de

uma dimensão paradigmática e epistemológica própria das crianças, muitas vezes invisível para os adultos, talvez porque anule a determinabilidade absoluta que faz pensar e compreender. Esta realidade segue uma ordem estética que se baseia no movimento, na figura, na beleza, no ritmo e na harmonia.

Maturana (2003) aponta que todas as crianças do mundo vivem, por meio de explorações, que utilizam as mesmas configurações de movimentos, que desde a origem da humanidade formam o fundamento operacional do desenvolvimento da autoconsciência, da consciência social e da consciência do mundo.

A educação exige que os educadores confiem na autonomia das crianças, sem interferir, apenas atentos quando se arriscam a entrar, não desconhecidos, não inexplorados. O medo deve-se a rígidos moldes e padrões de vida que impomos às crianças, para que sigam um determinado caminho, por objetivos que vão minando gradualmente a sua originalidade e a sua condição de seres humanos em permanente autoconstrução. Optar por abordagens humanistas coerentes e genuínas e optar por uma educação libertadora, que permita a plena realização e desenvolvimento da sua consciência crítica, para provocar ou discordar do que está estabelecido e para “ser” próprio, em comunhão com os outros e afins o mundo.

A INFÂNCIA NA PEDAGOGIA

Felizmente, nos últimos anos, a questão da infância tem sido colocada em pauta em nosso país, gerando recursos para apoiar e acompanhar as crianças e suas famílias, por meio de políticas públicas que se materializam em um sistema de proteção social e infantil. Tudo isso é um grande salto do ponto de vista social e econômico, mas não resolve genuinamente a invisibilidade de dois homens e mulheres reais; geradores críticos, dinâmicos, criativos e culturais, pois a imagem do adulto-criança ainda perdura.

Prestar atenção ao brincar infantil e descobrir o seu ethos permite revalorizar a atividade lúdica como fonte de liberdade e criatividade humana, cuja conaturalidade lhe permite transcender enquanto essência e manifestar-se através da adoção de diversas formas artísticas. A partir dessa perspectiva naturalmente humana e criativa do jogo, resgata-se seu valor epistemológico e sua consideração urgente na educação. É imperativo refletir criativamente e descobrir novas formas de pensar o que já foi pensado nos "empurra" a constantemente recontextualizar nossos modos cognitivos. Para criar espaços de convivência e reflexão com os outros, como ato de amor e criatividade, a transformação epistemológica dependerá do contexto de onde emerge a reflexão.

A Pedagogia cria uma ideia básica da infância com base em conceitos pedagógicos de natureza e cultura, os quais possuem uma dimensão temporal. A infância é vista como um estágio anterior à idade adulta, e, por isso, o fator tempo é importante para compreendê-la. O desenvolvimento fisiológico da criança pode levar a uma confusão entre a natureza humana e a natureza biológica, e o aspecto temporal pode confundir a infância como origem individual do homem com a origem da humanidade. Em outras palavras, a infância é vista como o estágio originário da humanidade,

expressando os traços essenciais da natureza humana.

Como sabemos, a escola moderna, isto é, a ideia de escola como pensamos hoje, com regras, disciplinas, conteúdos programáticos, divisão por séries a partir de critérios cronológicos etc., é algo articulado ao surgimento de um novo sentimento dos adultos em relação às crianças, um sentimento que implica cuidados especiais para com os pequenos, e que está na base da noção de infância gerada com o advento da Modernidade [...] (GHIRALDELLI, 1996, p. 19-20).

Essa ideia de infância está atribuída de significados ideológicos, não só a nível da relação da criança com o adulto, mas também a nível das relações da criança com a sociedade.

Segundo Sonia Kramer, no primeiro nível, o adulto estabelece uma imagem de criança como um ser fraco e incompleto, atribuindo essas características à “natureza infantil”. Porém essa ideia de natureza dissimula as relações da criança com o adulto a medida em que ele exerce sobre a criança uma autoridade constante que é social e não natural, e que reproduz as formas de autoridade de uma determinada sociedade.

Quanto ao segundo nível, a criança é considerada como um ser que não é ainda social, desempenhando apenas um papel marginal nas relações sociais, tanto em relação à produção dos bens materiais, quanto em relação à participação nas decisões. Desta forma, o desenvolvimento cultural da possibilidade natural da criança, ao invés de socialmente determinado e condicionado por sua origem social. Fica dissimulada a rejeição social e econômica que a criança sofre, e fica mascarado o papel efetivamente desempenhado no trabalho pelas crianças provenientes de classes sociais em que este trabalho é fundamental para a sua sobrevivência, dado as condições precárias de vida, fruto das desigualdades existentes na estrutura da sociedade capitalista.

Há muitas maneiras diferentes de entender a criança - por exemplo, como um vaso vazio a ser preenchido com o conhecimento por parte dos adultos, como um inocente na idade de ouro da vida, como o filho natural ou científico ou como um co-construtor do conhecimento, da cultura e da identidade no relacionamento com outras crianças e adultos (MOSS, DAHLBERG & PENCE, 2000, p.109).

Tomando a pedagogia como tema de análise, percebe-se que nas duas opções (tradicional e nova) encontra-se a dupla concepção de infância.

Para a pedagogia tradicional, a natureza da criança é corrompida, a tarefa da educação é discipliná-la e colocar regras, por meio de intervenção direta do adulto e da constante transmissão de modelos.

Para a pedagogia nova ou moderna, concebe a natureza da criança como inocência original, a educação deve proteger o natural infantil, preservando a criança da corrupção da sociedade e salvando sua pureza. A educação não se baseia na autoridade do adulto, mas na liberdade da criança e na expressão de sua espontaneidade. A concepção de infância elaborada pela pedagogia nova torna possível o surgimento de uma psicologia científica da criança e de um método genético a partir do qual a criança deve ser compreendida em função de seu passado individual.

Ambas as perspectivas tratam a criança como um ser abstrato camuflando o significado social da infância, que se esconde de argumentos filosóficos e psicológicos.

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A leitura traz grandes benefícios para todas as pessoas, independentemente da idade. Por isso é muito importante que desde jovens e comecem a aprender a ler, procuremos inculcar neles o hábito da leitura, pois também faremos com que se familiarizem com a língua mais rapidamente.

Ler um livro ajuda as crianças a estimular sua imaginação e criatividade, fazendo com que se sintam mais interessadas nas coisas ao seu redor e aumentando sua cultura. Da mesma forma, o fato de lerem diariamente algumas páginas de um livro ou de uma história apropriada para sua idade vai melhorar seu vocabulário, aprender novas palavras e desenvolver sua agilidade mental.

Ler e escrever são duas habilidades que se aprendem, todos nós temos essa habilidade. É essencial promover a alfabetização desde cedo. Ler é a chave maravilhosa para a informação, cultura, o mundo da ficção e fantasia. A importância da leitura na infância está baseada em seus benefícios para estudar e adquirir novos conhecimentos. A colaboração de pais e professores é necessária para promover o processo de alfabetização.

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mãe. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico; outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando. (OLIVEIRA, 1996, p. 27).

Todos sabem que de uma forma ou de outra a leitura é essencial para contribuir com o desenvolvimento geral da criança, pois ao começar a ler um livro, ela entra plenamente em um mundo equivalente que lhe revela caminhos diversos. A leitura é a fonte do conhecimento, por isso seria interessante entrar em contato com ela desde cedo. Embora a criança pequena não consiga ler as letras, elas podem interpretar as ilustrações, são elas que fazem a criança prestar atenção e de alguma forma formar uma história sobre elas que faz com que a imaginação e a criatividade se desenvolvam ao interpretá-las, pois a criança começa a construir sua própria representação, para criar uma realidade em sua mente.

À medida que investigamos as aventuras que um livro pode proporcionar às crianças, sua atenção é capturada; aumentando assim seus níveis de atenção sustentada, memória e concentração na tarefa. Isso promoverá o aprendizado. Além disso, a criança se identifica com as histórias que são contadas ou com os personagens que aparecem, para que a empatia das crianças seja posta em jogo e, ao se colocarem no lugar do outro, as interações sociais são fortalecidas e faz com que reflitam e examinem os vários contextos. É uma forma de prepará-los para as decisões futuras.

Assim fica claro que “a experiência é um valor intransmissível” o que confirma que quando lemos estamos realizando uma atividade plena de vivência pessoal, onde a criança se descobre (favorecendo seu autoconceito e aumentando sua autoestima) marca em sua vida.

O BRINCAR E SUA IMPORTÂNCIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Uma atividade lúdica na primeira infância gera benefícios, entre eles a criação de um verdadeiro sentimento de si e do outro e uma aproximação com as primeiras ideias sobre a linguagem e o mundo físico, além de favorecer o desenvolvimento de suas habilidades sociais e de reflexão. Por exemplo, bebês aprendem sobre si mesmos e sobre o mundo em que vivem por meio de interações lúdicas com adultos.

Embora seja verdade que o brincar foi definido a partir de várias perspectivas, concordamos com o Comitê de Direito da Criança das Nações Unidas (2013) quando o concebe como,

Qualquer comportamento, atividade ou processo iniciado, controlado e estruturado pelos próprios filhos. Acontece onde e quando as oportunidades surgem. Os cuidadores de crianças podem ajudar a criar ambientes propícios ao salto, mas o salto é voluntário, intrinsecamente motivado e um fim em si mesmo, não um meio para atingir um fim. O jogo envolve o exercício da autonomia e das atividades físicas, mentais ou emocionais, podendo assumir infinitas formas, podendo desenvolver-se em grupo ou individualmente. (p.6).

Conseqüentemente, brincando as crianças aprendem e desenvolvem o seu pensamento, imaginação e criatividade. Esta atividade proporciona-lhes um contexto que lhes permite experimentar formas de responder às questões que surgem na construção de novos conhecimentos, ajuda a refazer suas experiências e é um importante fator de equilíbrio e autocontrole. Ao mesmo tempo, permite-lhes comunicar, cooperar com os outros e ampliar a sua compreensão do mundo social.

Um dos aspectos centrais a considerar numa educação infantil eminentemente humanística e potencializadora corresponde à compreensão de fundamentos e princípios que a sustentam. Particularmente nas Bases Curriculares da Educação Infantil, define os seguintes princípios pedagógicos: bem-estar, atividade, singularidade, empoderamento, relação, unidade, significado e princípio do brincar. Especial atenção é dada a este último, porque enfatiza, por um lado, a centralidade da atividade natural do ser humano em seu desenvolvimento integral e, por outro lado, o caráter lúdico que as experiências educativas e as situações de aprendizagem oferecem aos alunos devem ser criados pequenos, principalmente nos três primeiros anos de vida. Isso porque nesse período da vida eles demandam experiências de aprendizagem que lhes permitam satisfazer suas necessidades básicas e entre elas está o brincar.

Para responder ao exposto, é fundamental a criação de um espaço-ambiente lúdico, seguro e provocativo, onde prevaleçam as oportunidades de movimento, exploração, encontro e relação, para que se tornem ambientes promotores de aprendizagens que promovam a identidade do processo parental. Para o efeito, importa sublinhar que o espaço e ambiente da sala de aula, o papel que o educador desempenha na atitude perante o processo educativo das crianças, assumem um valor transcendental, porque por um lado o educador tem a responsabilidade de dotar o ambiente educativo de elementos adequados que favoreçam a aprendizagem, mas, ao mesmo tempo, deve ser capaz de acompanhar as crianças pequenas no seu processo de aprendizagem, parando para observar, ler e compreender as brincadeiras que praticam espontaneamente. Isso porque a observação rigorosa da ação espontânea oferece a possibilidade de “coletar informações úteis sobre a evolução do homem e da mulher e receber sugestões valiosas para ativar os estímulos mais conve-

Dentro dos discursos atuais sobre a pedagogia da educação infantil em nível internacional e nacional, certas perspectivas curriculares são amplamente referenciadas por educadores infantis e outros atores do sistema escolar. Dentre essas perspectivas, destacamos, por exemplo, a Pedagogia Waldorf e a Pedagogia Pikler, cujas origens remontam ao início do século XX na Europa Ocidental.

PEDAGOGIA WALDORF E O BRINCAR INFANTIL

A Pedagogia Waldorf começou a se materializar em 1919 com a primeira escola conhecida como Freie Waldorfschule, implantada em Stuttgart (Alemanha) por Rudolf Steiner, sob os preceitos do movimento antroposófico, do qual é reconhecido como seu fundador. Para Steiner (1973), a antroposofia é compreendida como "um caminho de conhecimento que visa conduzir o espiritual do ser humano ao espiritual do universo" (p. 9), fundamento central dessa proposta pedagógica. Mais tarde, expandiu-se para o resto da Europa e América Latina.

Dentro dos princípios educacionais da Pedagogia Waldorf é considerada a estrutura maturacional da biografia humana, que para Steiner (1997) é dividida em períodos de sete anos. O primeiro período de sete anos vai de 0 a 7 anos, cuja qualidade mental é querer. O segundo de 7-14 anos, cuja qualidade é o sentimento, e o terceiro de 14-21 anos, caracterizados pelo pensamento. A primeira etapa assume um significado relevante, após a qual são desenvolvidas três habilidades básicas como caminhar, falar e pensar. Neste período educacional, o ambiente físico, a figura do educador é fundamental, pois a creche é concebida como um local onde são realizadas diversas atividades significativas e onde as crianças aprendem brincando, entendendo que esta ação favorece o amadurecimento psicomotor.

Vale ressaltar que o brincar é sempre livre, não há brincar regulamentado ou organizado, mas para promover o desenvolvimento dos bebês, as salas de aula Waldorf possuem materiais específicos confeccionados com elementos e formas naturais. Da mesma forma, o ambiente de aprendizagem representa uma continuação da casa e promove a atividade imitativa dos alunos em torno das ações maternas e paternas.

PIKLER PEDAGOGIA E JOGO MOTOR

A Pedagogia Pikler surge a partir de dois estudos científicos da Dra. Emmi Pikler (1902-1984), cujo objetivo foi demonstrar a sua visão da parentalidade como um ser autônomo. Esta pediatra húngara centrou-se na observação sistemática, reflexão e registo das atividades diárias de centenas de crianças com menos de três anos de idade que estão internadas num orfanato e recebem cuidados prolongados devido a lesões, morte ou outros motivos (Pikler, 1984). Esse centro de apoio, localizado na Rua Lóczy (Budapeste), passou a se chamar em 1946 Instituto Lóczy, cujo objeto de interesse era o desenvolvimento de habilidades motoras estudadas nas atividades diárias das crianças (Pikler, 1984).

- Valorização e estabilidade das relações afetivas privilegiadas entre o adulto e a criança;
- Valorização e promoção da autonomia na movimentação e atividades infantis;
- A necessidade de ajudar as crianças a tomar consciência de si mesmas e de seu ambiente de acordo com seu nível de desenvolvimento e,
- Importância de um bom estado de saúde, fruto da boa aplicação dos dois princípios anteriores.

Em relação ao trabalho pedagógico e ao brincar em si, Ormaza (2016) aponta que, desde suas origens, em sua implementação, são consideradas todas as condições e elementos que constituem a atividade lúdica. Entre eles, este autor destaca:

- Distribuição de tempo. A criança só é exposta a situações de atividade autónoma quando as suas necessidades básicas estão satisfeitas, pois não consegue tirar pleno partido delas e ser feliz. Para isso, os momentos de brincadeiras são organizados com muita flexibilidade, respeitando o ritmo de cada criança.
- O espaço. Incluem situações em que a criança pode aprender a dominar os movimentos sem nenhum tipo de perigo, ou que lhe dê segurança e, ao mesmo tempo, restrinja as repetidas intervenções do adulto.
- Objetos e materiais. Cada elemento responde às possibilidades de desenvolvimento da criança de acordo com a evolução do seu interesse.
- As atividades dos educadores. Eles se concentram em gerar condições ideais, que respeitem o ritmo das crianças, que promovam sua autonomia e proatividade para não interferir diretamente em suas brincadeiras. Apenas em três tipos de circunstâncias um adulto tem uma intervenção mais ativa: quando a criança se depara com uma situação de grande dificuldade, quando há brigas e quando há sinais indicativos de tédio ou cansaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar na Educação Infantil significa proporcionar situações de cuidado, de brincadeiras, de interação educadora-criança e criança-criança. Situações estas que possam garantir a aprendizagem delas.

Durante muito tempo, a Educação Infantil teve concepções divergentes sobre a criança, sendo vista como um ser pronto desde o nascimento, vazio ou carente dos elementos necessários para a vida adulta, ou ainda, como um sujeito capaz de conhecer e desenvolver-se por sua própria iniciativa e capacidade de ação.

Entretanto, com o surgimento de novas bases epistemológicas, a pedagogia para infância passou a englobar e transcender a história, a antropologia, a sociologia e a psicologia, resultando em uma nova expectativa que define a criança como um ser competente para interagir e produzir

cultura no meio em que vive.

Em outras palavras, a Educação Infantil passou a valorizar a capacidade da criança de ser autônoma e ativa em seu próprio desenvolvimento, reconhecendo-a como um ser capaz de construir sua própria cultura.

REFERÊNCIAS

BATESON, G. **Natureza e Espírito. Uma unidade necessária.** Lovertu, Buenos Aires. 1982.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **Infância, educação e neoliberalismo.** São Paulo: Cortez, 1996.

MATURANA, H. **Biologia da Cognição e Epistemologia.** Ed. Universidade da Fronteira. Temuco. 1990.

OLIVEIRA, M. A. de. **Leitura prazer: interação participativa da criança com a literatura infantil na escola.** São Paulo: Paulinas, 1996.

PIKLER, Emmi. **Moverse en Libertad: desarrollo de la motricidad global.** Madrid: Narcea, 1994. 9ª reimpressão. Tradução autora.